

ANA PAULA BRAZ ABRANTES GARCIA

DOMINGOS VIEIRA SERRÃO
PINTOR DA *CONTRA-MANIERA* EM PORTUGAL
Entre *Decoro* e *Conformismo*

Dissertação de Mestrado em História da Arte



INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1996

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	6
1. A ARTE COMO ARMA DA IGREJA TRIDENTINA.....	10
1.1 Ideologia interventiva da Contra-Reforma - entre o <i>Decoro</i> e o Conformismo.....	10
1.2 Grande fortuna da imagem - papel catequético da pintura.....	16
1.3 Triunfo do <i>decoro</i> e a cultura de uma arte <i>senza tempo</i>	22
1.4 Entre a <i>ordem</i> e a decência.....	32
2. DOMINGOS VIEIRA SERRÃO - FIDALGO E ARTISTA IMBUÍDO DO ESPÍRITO DE TRENTO.....	39
2.1 Das suas origens à “nobre” condição de pintor.....	39
2.1.1 <i>Fidalgo de origem plebeia</i>	39
2.1.2 <i>Aprendizado artístico e obras de parceria</i>	49
2.1.3 <i>Contributo do pintor para a nobilitação da pintura</i>	69
2.1.4 <i>Ao serviço do rei espanhol e de uma clientela subordinada pelas determinações de Trento</i>	76
2.2 Do Maneirismo reformado ao Anti-Maneirismo da última fase - percurso de uma obra.....	84
2.2.1 <i>Fontes de inspiração</i>	84
2.2.2 <i>Pintura mural - envolvimento de uma vida</i>	88
2.2.3 <i>Importância das empreitadas de Tancos e Coimbra</i>	100
2.2.4 <i>Refinamento das preocupações estéticas e o anti-maneirismo de ruptura</i>	130
2.2.5 <i>Participação do «Pintor del Rey» na arte da festa em Portugal</i>	139
3. CONCLUSÃO.....	154
4. BIBLIOGRAFIA.....	157
5. ABREVIATURAS E SIGLAS.....	164

EXTRATEXTO

1. ELENCO DOCUMENTAL

2. ELENCO FOTOGRÁFICO

“A muitas cousas dignas de grande louvor costumamos às vezes[...], a não dar o seu inteiro merecimento e lugar, por não serem conhecidas perfeitamente [...]”

Francisco de Holanda, *Da Pintura Antigua* (1548) edic. da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1983, p.5.

Introdução

A arte europeia viveu, a partir da segunda década de 1500 e, sobretudo após a dobra do meio século, um movimento unitário, conturbado e injustamente ignorado durante muito tempo, de grande rebelião crítica, pela desconstrução, de ruptura deliberada com a ordem e cânones renascentistas, que se expressou através de um vocabulário de ambiguidades várias, num momento de *ars naturans* e de frenética liberdade, do *non finito*, de agitação inquieta, de melancolia, de regresso à metafísica, tudo espelho de uma vivência política e social dramática e profundamente traumatizante, de inquietação ideológica e religiosa - o Maneirismo. O artista da *Maniera* insiste na obsessão, repete, retoma, deambula pelos limites da exaltação à nostalgia, do instante à eternidade, alimenta-se de inquietações e de sentimentos túrgidos, embriaga-se em dramatismo depressivo. A diáspora provocada pelo *Sacco de Roma*, em 1527, proporcionou, em ondas sucessivas que se vão espalhando desde a Europa, da calvinista e luterana à católica, desde os meios de maiores aos de menores cabedais, que este estilo se fosse matizando de “tonalidades” regionais e, mais vincadamente, por acção da doutrina imagética reformista protestante ou católica, que a Contra-Reforma, na segunda metade da centúria de quinhentos, em cruzada persistente e combativa, se fosse temperando e disciplinando, injectando o *furor*, a rebeldia e o capricho da *Prima Maniera* com valores pedagógicos e catequéticos, rumo a uma eternidade imóvel. Apesar de assumida como *Contra-Maniera*, vai ser maneirista no formalismo estético, pelo excesso, pela vontade de fomentar a paixão mística exaltada subtraída ao querer humano, mas supra-protegida pela tutela superior duma Igreja que se quer renovada, dignificada, pastoreando com mão férrea um “rebanho” acotado em corte com guarda perenemente vigilante. Artistas e teóricos estão plenamente conscientes dos objectivos que a arte deve cumprir, de acordo com a disciplina católica, retomando a ideia maneirista de que não se é mais do que a imagem da imagem. O artista da Contra-Reforma é discípulo de Alguém, segundo o princípio da imitação de Jesus Cristo e dos santos, recebendo a *Idea* que Zuccaro, numa fuga à nomenclatura neoplatónica, apelida de

disegno interno, âmago de toda a investigação intelectual, bandeira desfraldada da luta pela liberalidade e nobilitação da pintura, a partir de Deus num perpassar gradativo segundo a tríade hierárquica - Deus, Anjos, Homem - num complicado e revivalista processo organizativo, eivado de medievalidade, que preside à própria necessidade de organização de uma Igreja profundamente abalada na sua autoridade, que urge recuperar. Ainda que o princípio da imitação se encontre presente, desaparecido o modelo, há a reapropriação e reinvenção das propriedades que se esgotaram pelo esvaziamento que ocorreu com o desaparecimento do mestre e uma outra maneira impõe-se, porque foge ao domínio das formas, reforça as aparências, aperfeiçoa detalhes, numa dialéctica em que a emergência de um novo sujeito “relê” e “transcreve”, expondo aqui sua alteridade. O objecto, numa operação de análise embriagada pelo detalhismo, movimenta-se na ambiguidade, acabando por pousar numa dialéctica do inacabado.

Em Portugal, a penetração do Maneirismo segue uma outra via de cariz experimental e classicista, tardiamente recebida, pela persistência de modelos góticos tardios, por influência de contactos com a Itália, com a Flandres e com a Espanha, de forma directa, através de cartões, gravuras ou obras até nós chegadas. Sem que tenhamos retirado da grandiloquência do *Siglo de Oro* espanhol o florescimento que nos teria atirado para estádios superiores, ao nível da arte, trabalhámos sob a pesada censura inquisitorial e segundo um modelo de ensino que continuava confinado à escola-oficina, sendo raros os privilegiados com aprendizados subvencionados pelo Estado e sem a tradição de núcleos aristocráticos que apoiassem, com o seu mecenato, maiores vôos a um maior número de artistas nacionais. Os exemplos de Francisco de Holanda, António Campelo, Fernão Gomes, Francisco Venegas, Amaro do Vale ou Pedro Nunes são, por demais, insuficientes. Foram as encomendas religiosas as que maior cobertura ofereceram para o labor artístico nacional, coexistindo, nos centros mais recônditos, as tradições antigas, de sabor regionalista, com as “novidades” difundidas pelas gravuras e missais, que exploraram as imagens de mestres e representaram a nova galeria de modelos místicos abençoada pelo Concílio de Trento.

Todavia, entre os pintores que por cá permaneceram, os valores maneiristas de sabor reformado, de forma mais ou menos erudita, mais ou menos ingénua, estão presentes na sua obra através da ruptura, da afectação, da teatralidade das poses, da inquieta espiritualidade, do subjectivismo individualista, da figura *serpentinata* (tão próxima do meneamento gótico), do cromatismo ácido e surdo, da ambiguidade e desarticulação de formas, de espaços e de planos. Entre eles reproduz-se a consciência renovada do real valor da pintura e a conseqüente urgência da luta pela erradicação dos ofícios mecânicos e isenção das obrigações inerentes à bandeira de São Jorge em que se incorporavam.

Os cânones do ideário orientador da Disciplina católica manifestam-se pictoricamente a par da rebeldia anti-clássica, que a última geração do maneirismo contra-reformado já expressa através do esgotamento de modelos anteriores e da procura de soluções refrescantes de um naturalismo e tenebrismo proto-barrocos que despontam. Tenebrista era também a situação político-económica então vivida por um país subjugado por interesses estranhos e delapidadores, pela longa e sexagenária dominação estrangeira. Enquadrado no sistema político-religioso, entre os vultos maiores da última geração maneirista conformada pelos contornos tridentinos, viveu Domingos Vieira Serrão, pintor de Tomar, emparceirando com os nomes mais cobiçados da praça pictórica nacional: Amaro do Vale e Simão Rodrigues.

Ultrapassado o desprezo e incorrecta compreensão do fenómeno cultural que genericamente chamamos Maneirismo, pela reconhecida reflexão de intelectuais como Jorge Henrique Pais da Silva, Jorge de Sena, Adriano Gusmão, Pedro Dias, Vítor Serrão, José Eduardo Horta Correia, entre outros, deverá ser tarefa de quantos se interessam pelo património, sobretudo o mais ignorado, enriquecer todo o espólio por eles posto a nu e avançar pelas pistas que deixaram abertas, calcorreando, com persistência, todos os núcleos operosos na época dentro e fora do território nacional, reflectir e inflectir sempre que a verdade da heurística e da hermenêutica assim o exijam ou a confrontação estética o imponha.

Há alguns anos já, havia-nos causado estranheza o triste abandono e degradante estado em que se encontrava um núcleo de tábuas colocado sobre o não menos destruído arcaz, na sacristia da igreja matriz de Tancos, cujo notável retábulo de talha (também a necessitar de urgente intervenção) tinha constituído o objectivo primeiro da nossa visita. No momento da escolha do tema para esta dissertação, a mensagem impressiva, outrora recebida, suscitou a vontade de entender mais profundamente o referido conjunto pictórico, atribuído por Vítor Serrão ao pintor régio Domingos Vieira Serrão. A partir dos modelos do Maneirismo, sob os auspícios de Trento, trabalhados até a saturação, este pintor foi capaz, sem rasgos de génio notado, mas com correcção e uma modulação da figura humana muito próprios, escapando aos estereótipos belos, mas monótonos, do seu parceiro por tantos anos, Simão Rodrigues, de enveredar pela plasticidade e cromatismo quente e denso da última etapa de estilo, da *Anti-Maniera*, desmultiplicando uma linguagem já estéril em gradações que avançam abertas e refrescadas para os horizontes de Barroco, que se rasgam triunfantes.

Este constitui, pois, o nosso contributo para se adelgacarem as névoas que ainda envolvem alguma da criação artística do pintor tomarense.

Sobre a obra deste pintor muito fica ainda por clarificar, o que pessoalmente funciona como forte estímulo para a prossecução de um trabalho que entendemos não estar, de forma alguma, finalizado podendo, igualmente, aguçar o interesse de outros interventores na

construção da ainda incompleta "arquitectura" da produção do Maneirismo nacional. A visão que pretendemos dar da obra de Domingos Vieira, cuja versatilidade exigiria uma investigação mais profunda, assume um carácter mais genérico, ainda que globalizante, do que de pormenor, que não caberia nas limitações de um trabalho deste cariz, subordinado a apertadas limitações de tempo e de extensão de texto. Novos documentos compulsados permitiram alguns acertos na sua biografia, de qualquer forma ainda incompleta, e algumas ligações entre ele e certas personalidades, com ele intervenientes em certos instrumentos jurídicos, assim como o isolamento, tanto quanto possível, da sua "mão", nas obras de parceria mais prolongada, como aquelas em que se envolveu com o modesto Simão de Abreu e o requestado Simão Rodrigues. Ao primeiro, a quem pouco se atribuiu até agora, dedicámos uma atenção especial, tentando isolar algumas das pinturas murais da rotunda templária do Convento de Cristo, em Tomar, núcleo pictural suficientemente relevante para o Maneirismo, não só a nível da pintura figurativa, descritiva, mas também do *brutesco* nacional.

Dos dois capítulos do nosso trabalho, consagramos, o primeiro, pela pressão que exerceram sobre a produção artística e formação de Domingos Vieira como cidadão e católico, aos enfoques ideológicos e interventivos da Disciplina tridentina; o segundo abrange o estudo das suas origens e da sua actividade como artista, pelo que entendemos dividi-lo em dois grandes subtítulos. No primeiro destes, procurámos conhecer o seu crescimento e enformação como homem e como pintor. Por último, o segundo, reservámo-lo para a abordagem analítica e descritiva da sua obra, a qual, documentada como individualmente criada, se restringe quase exclusivamente ao núcleo pictural do Convento de Cristo, aos painéis para a igreja da Misericórdia de Punhete, à vista panorâmica da cidade de Lisboa e ao estudo retabular que foi levado para o Louvre. As atribuições que lhe são feitas como resultado de labor individual, ainda que, naturalmente, com ajudantes, não são igualmente numerosas. Todavia, deparamos com uma quase "fabricação pictórica" naquela que produziu em parceria com Simão Rodrigues, salpicada, por isso, de "manchas" de *fa presto* e de apontamentos denunciadores da mão de oficiais menores. A leitura das obras, que se pretende breve, mas explícita relativamente a particularismos, perpassará por aquelas que mais vincadamente lhe destacam a alteridade.

No elenco documental, evitando a sobrecarga, transcrevemos, de forma actualizada, para que se tornassem facilmente inteligíveis (ainda que se tenham mantido alguns pormenores de feição arcaica, como as consoantes dobradas) os documentos mais significativos e outros, inéditos, enriquecedores da sua biografia. No elenco fotográfico, procurámos revelar as obras menos divulgadas, a par de outras já conhecidas, de modo a cobrir visualmente um testemunho significativo da sua produção pictural.

4. Bibliografia

4.1 Fontes manuscritas

- A.D.S - *Misericórdia de Constância*, Pasta I;
- A.F.T.C. - *Tombo IV*, Livro 4º, Maço 1;
- A.N./T.T. - *Cartório Notaria nº 9-A*, Maço 9, Livro 42;
- A.N./T.T. - *Habilitações do Santo Ofício*, Maço 2, Dil. 60, *Domingos*;
- A.N./T.T. - *Habilitações do Santo Ofício*, Maço 1, Dil. 7, *Gregório*;
- A.N./T.T. - *Habilitações do Santo Ofício*, Maço 6, Dil. 204, *Manuel do Souto*;
- A.S.C.M. C. - *Livro dos bens de aceitação, defuntos*;
- A.S.C.M. C. - *Livro dos Centos*;
- A.S.C.M.T. - *Aforamentos*, Livro nº 73 - *O Tombinho*;
- A.S.C.M.T. - *Tombo dos bens da Casa*, Livro nº 79, 2º Caderno;
- A.S.C.M.T. - *Aforamentos*, Livro nº 85 (1591-1603);
- A.S.C.M.T. - *Aforamentos*, Livro nº 88 (1627-1637);
- A.U.C. - *Tabelião Tomé Borges, Notas*, 11/5/1612 a 11/5/1612.

4.2 Fontes impressas

AGUILAR Y PRADO, Jacinto

1619 - *Certissima RELACION DE LA entrada que hizo su Magestad, y sus Altezas en Lisboa; y de la jornada que hizieron las galeras de España, y de Portugal, desde el Puerto de Santa Maria, hasta la famosa ciudad de Lisboa - DONDE SE REFIERE LAS PREVENCIONES, fiestas, y grandezas que se hizieron en ella, y otras muchas cosas notables, sucedidas en esta facion*, impresso por Pedro Craesbeeck, Lisboa. Biblioteca Nacional, Madrid.

ALCALDE, Esteban Casado

1976 - *La Pintura en Navarra en el último tercio del siglo XVI*, Aranzadi, Pamplona.

BAPTISTA, Júlio César

1962 - *História dos Concílios Ecuménicos*, s/editora, Évora.

BARROCCHI, Paola

1971 - *Scitti d'Arte del Cinquecento*, Ricciardi, Milão-Nápoles (2ª edição, *I Generalia Arti e Scienze le Arti*, Einaudi, 1977, Turim; *IV Pittura*, 2 vols), Einaudi, 1978, Turim.

BATTISTI, Eugenio

S/d, *Rinascimento e Barocco* [trad. esp. de María del Carmen Borra, Cátedra, Madrid, 1990].

BETHENCOURT, Francisco

1994, *História das Inquisições Portugal, Espanha e Itália*, edic. Círculo de Leitores e Autor, s/l.

BLUNT, Anthony

1940 - *Artistic Theory in Italy, 1450-1600*, Oxford (2ª ed., Oxford, 1956), [trad. esp. da 2ª ed.: *La Teoría de las Artes en Italia (del 1450 a 1600)*, Cátedra, Madrid, 1987].

BOLOGNE, Jean-Claude

1986, *Histoire de la Pudeur*, Olivier Orban, [trad. port. *História do Pudor*, Teorema, Lisboa, 1990].

BROWN, Jonathan

1978 - *Images and Ideas in Seventeenth-Century Spanish Painting*, Princeton University Press [ed. esp.: *Imágenes y Ideas en la Pintura Española del Siglo d'Oro*, Alianza Forma, Madrid, 1980].

1990 - *The Golden Age of Painting in Spain*, Yale University Press, Londres, [trad. esp. *La Edad de Oro de la Pintura en España*, Ed. Nerea, Madrid].

BROWN, Jonathan e ELLIOT, J. E.

1980 - *A Palace for a king. The Buen Retiro and the Court of Philip IV*, Yale University, [trad. cast. *Un palacio para el rey. El Buen Retiro y la corte de Felipe IV*, Alianza Editorial, Madrid, 1988].

CAETANO, Joaquim de Oliveira

1992 - "A pintura em Torres Novas nos séculos XVI e XVII - De Diogo de Contreiras a Bento Coelho da Silveira", *Nova Augusta*, nº 6 (especial), Torres Novas, pp. 45-53.

CHASTEL, André

1983 - *The Sack of Rome, 1527*, Washington, [trad. esp. *El Saco de Roma, 1527*, Espasa-Arte, Madrid, 1986].

CORREIA, Vergilio

1921 - *A pintura a fresco em Portugal nos séculos XV e XVI* (Ensaio), Memória apresentada ao 1º Congresso de História de Arte de Paris.

DESWARTE, Sylvie

1992 - *Ideias e Imagens em Portugal na Época dos Descobrimentos - Francisco de Holanda e a Teoria da Arte*, [trad. de Maria Alice Chicó dos textos publicados em periódicos franceses], DIFEL, Difusão Editorial, Lisboa.

DIAS, Pedro, e SANTOS, Joaquim José Carvalhão

1988 - *A pintura Maneirista de Coimbra - ensaio iconográfico*, Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

DUBOIS, Claude-Gilber

1979 - *Le Maniérisme*, Presses Universitaires de France, [trad. esp., *El Manierismo*, Edicions 62 s/a, Barcelona].

EMLIANI, Andrea

1975 - *Mostra di Federico Barocci*, direcção do catálogo crítico, Edizione Alfa, Bolonha.

FREEDBERG, David

1989 - *The Power of Images*, The University of Chicago Press, Chicago, [trad. esp .*El Poder de las Imágenes*], Cátedra, Madrid, 1992]

GARCIA, Prudêncio Quintino

1923 - *Documentos para a Biografia dos Artistas de Coimbra*, Coimbra.

GARRIGA, Joaquim

1983 - *Renacimiento en Europa*, [edic. a cargo de J. Garriga], Editorial Gustavo Gili, Barcelona.

GÓMEZ, Francisco Javier Pizarro

1987 - "La Jornada de Filipe III a Portugal en 1619 y la Arquitectura Efímera", *As Relações Artísticas entre Portugal e Espanha na Época dos Descobrimentos*, II Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte, Livraria Minerva, Coimbra.

GONÇALVES, António Nogueira

1935 - "O altar-mor, do séc. XVII, de santa Cruz e os seus prováveis restos", *Correio de Coimbra*, Ano XIII, 16 de Março, p. 3.

1979 - *Estudos de história da Arte da Renascença*, 2ª edição (revista e aumentada), Paisagem Editora, 1984, Porto.

GONÇALVES, Artur

1936 - *Mosaico Torrejano*, 1ª edic. da Câmara Municipal de Torres Novas; 2ª edic. do Jornal *O Almonda*, Torres Novas, 1985.

GONÇALVES, Flávio

1962 - "Iconografia Trinitária. A Trindade Trifonte em Portugal e uma pintura portuense", *O Tripeiro*, 6ª série, n.º 1-2, Janeiro-Fevereiro.

1973 - "Breve Ensaio sobre a Iconografia da pintura religiosa em Portugal", Separata de *Belas Artes*, 2ª série, n.º 22, Lisboa.

1990 - *HISTÓRIA DA ARTE Iconografia e Crítica*, colectânea póstuma, Imprensa nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

GONZALEZ, Juan Jose Martin

1993, *El Artista en la Sociedad Española del Siglo XVII*, 2ª edic., Cátedra, Madrid.

GUIMARÃES, J. Vieira de S.

1927, *Thomar, S.ta Iria*, Imprensa Nacional, Lisboa.

1936, *A Ordem de Cristo*, Imprensa nacional, Lisboa.

GUSMÃO, Adriano de

1955 - "AS Pinturas murais da Charola do Convento de Cristo", *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, vol. III, pp. 135-141, Tomar.

1957 - *Simão Rodrigues e seus colaboradores*, Realizações Artis, Lisboa.

1968 - "Pintura", *Dicionário de História de Portugal* (direcção de Joel Serrão), Lisboa, vol. V, pp.87-94, da edic. de Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1979.

1985 - "Tábuas Quinhentistas na Ermida de Nossa Senhora do Vale", *Colecção de Arte na Misericórdia de Torres Novas*, edic. da Santa Casa da Misericórdia de Torres Novas, Torres Novas.

HOLANDA, Francisco de

1548 - *Da Pintura Antiga*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda [edição precedida de introdução e notas de Angel González García], Lisboa, 1983.

JONGE, Krista De

1992, Abril-Maio, "A arte da festa em Portugal e nos Países Baixos meridionais no Século XVI e no início do Século XVII", *Portugal E Flandres - Visões da Europa (1550-1680)*, pp. 80-95, Instituto Português do Património Cultural, Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa.

KUBLER, George,

1967, *The Antiquity of the Art of Painting by Felix da Costa*, Yale University Press, New Haven e Londres.

1976 - *Portuguese Plain Architecture between Spices and Diamonds, 1521-1706*, Harmondsworth [trad. port., *A Arquitectura Portuguesa Chã - Entre as Especiarias e os Diamantes, 1521-1706*, Editorial Vega, com prólogo de José Eduardo Horta Correia, Lisboa, 1988].

LAVANHA, João Baptista,

1622, *Viagem da Catholica Real Magestade Del Rey D. Filipe II N.S. ao Reyno de Portugal e Rellação do Solene recebimento que nelle se lhe fez*, Madrid. Biblioteca Nacional, Lisboa.

MACHADO, Cyrillo Volkmar

1823 - *Collecção de Memorias relativas às Vidas dos Pintores e Escultores, Architectos e Gravadore Portuguezes, e dos Estrangeiros, que estiverão em Portugal*, Lisboa.

MARIAS, Fernando

1992 - *El Siglo XVI Gótico y Renacimiento*, Silex, Madrid.

MARKL, Dagoberto L.

1972 - *Fernão Gomes, um pintor do tempo de Camões. A pintura maneirista em Portugal*, Lisboa.

1980 - "Duas novas obras de Fernão Gomes", *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, nº 86, 2º tomo, 5-39.

MARKL, Dagoberto e SERRÃO, Vítor

1980 - "Os tectos maneiristas do Hospital Real de Todos-os-Santos (1580-1613) e os seus autores", *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, nº 86, tomo 1º, pp. 161-215.

PACHECO, Francisco

1649, *Arte de la Pintura. Su antigüedad y grandeza*, Sevilha, [edic. esp. comentada de Bonaventura Bassegoda i Hugas, edic. Cátedra, Madrid, 1990.

PANOFKY, Erwin

1924, *Idea. Ein Beitrag zur Begriffsgeschichte älteren Kunsttheorie*, Studien der Bibliothek Warburg, Leipzig-Berlin, [trad. esp. de Mª Teresa Pumarega, *Idea - Contribución a la historia de la teoría del arte*, Cátedra, Madrid, 1989.

RIPA, Cesare

1613, Siena, *Iconologia* [trad. esp. de Juan e Yago Barja e prólogo de Adita Allo Manero, *Iconología*, tomos I e II, ed. Akal, Madrid, 1987].

ROS, José Carlos Agüera

1994, *Pintura y Sociedad en el Siglo XVII, Murcia, Un centro del Barroco Español*, edic. Real Academia Alfonso X el Sabio, Murcia.

ROSA, Alberto de Sousa Amorim

1965 - *História de Tomar*, vol. I, 1ª edic., Gabinete de estudos Tomarenses; (2ª edic., 1988), Fábricas Mendes Godinho, SA, Tomar.

1968 - *Anais do Município de Tomar, Crónica dos acontecimentos citadinos nos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX*, vol. IV (1581-1700), [Recolha, transcrição, notas e apêndice referente a documentos régios de 1504 a 1579, trasladados no Livro "O Cardoso"], edic. Câmara Municipal de Tomar, Tomar.

1971 - *Anais do Município de Tomar*, vol. VII, edic. Câmara Municipal de Tomar, Tomar.

1982 - *História de Tomar*, vol. II, edic. da Assembleia Distrital de Santarém, Tomar.

SANTOS, Cândido dos

1980 - *Os Jerónimos em Portugal Das origens aos fins do século XVII*; Instituto Nacional de Investigação Científica, Porto.

SANTOS, Fr. Manoel dos

1716 - *Descrição do Real mosteiro de Alcobaça*, B.N.L. 307, fols. 1-35. leitura, introdução e notas de Aires Augusto Nascimento, colectânea Alcobaciana, nº 3, Alcobaça, 1979.

SEBASTIÁN, Santiago

1981 - *Contrarreforma y Barroco Lecturas iconográficas e iconológicas*, Alianza Forma, Madrid.

SERRÃO, Vítor

1970 - "O Retábulo da Misericórdia de Tancos é de Simão Rodrigues", Separata da revista *ETHNOS*, vol. VII, Lisboa.

1971 - *A Pintura Maneirista em Santarém*, Lisboa. 1977 - "Sobre a pintura maneirista de Santarém, 1553-1633", *Actas do Colóquio*

Santarém, A Cidade e os Homens, Junta Distrital de Santarém, pp. 79-134.

1982 - *A pintura Maneirista em Portugal*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa. (2ª edição, com prólogo actualizado e bibliografia acrescentada, Lisboa, 1991).

1983 - *O Maneirismo e o Estatuto Social dos Pintores Portugueses*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa.

1986 - "A Pintura Maneirista e o Desenho", *História da Arte em Portugal*, Publicações Alfa, vol. VII, pp. 7-9 e 11-91.

1987 - "A Actividade do Pintor maneirista Luís de Morales em Portugal: Novas Obras e Rastrear de Influências", *As Relações Artísticas entre Portugal e Espanha na Época dos Descobrimentos*, pp. 9-64, *Actas do II Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte*, Livraria Minerva, Coimbra.

1988a - "Documentos e protocolos notariais de Lisboa referentes a artes e a artistas portugueses (1563-1650)", *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, III série, nº 90, pp.55-103.

1988b - "O retábulo da capela do Paço Real de Sintra", *Sintria*, tomo I-II, vol. I, 693-728.

1989a - *Estudos de Pintura Maneirista e Barroca*, Caminho, Lisboa.

1989 b - "Fernão Gomes - pintor maneirista de "bravo talento", *Oceanos*, nº1, Junho, pp. 27-29.

1989c - "Fernão Gomes, o pintor do retrato a vermelho", *Fernão Gomes e o Retrato de Camões* [texto introdutório ao fac-símile], Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

1991 - "Imagem do Império, do outono da Idade Média ao líliar do Barroco (1450-1600)", *História das Artes Plásticas (in Sínteses da Cultura Portuguesa)* (livro de colaboração com Raquel Henriques da Silva, Maria Adelaide Miranda e José Alberto Gomes Machado), Comissariado para a Europália /91, Imprensa Nacional -

Casa da Moeda, Lisboa, pp. 35-68.

- 1992 - *A Pintura Proto-Barroca em Portugal 1612-1657*, Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2 vols (não publicado).
- 1993a - *A Lenda de São Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso. Estudo histórico, estético e iconológico de um ciclo barroco existente na Sacristia de São Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e Quetzal, Lisboa.
- 1993b - “Fernão Gomes-projecto para a pintura do tecto da nave da igreja do Hospital real de Todos-os-Santos”, Catálogo da Exposição *Hospital Real de Todos-os-Santos. 500 anos*, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 60-61.
- 1993c - “Pedro Nunes (1586-1637) - “Um Notável Pintor Maneirista Eborense”, *A cidade de Évora*, Boletim de Cultura da Câmara Municipal, n.ºs 71-76, anos XLV-L, Évora, 1988-1993, 105-137.
- 1995a - “Entre a *Maniera* moderna e a ideia do *Decoro*: bravura e conformismo na pinturado Maneirismo português” e “Biografias dos Artistas”, *A pintura Maneirista em Portugal - Arte no tempo de Camões*, Catálogo da exposição subordinada ao mesmo tema, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa.
- 1995b - “A pintura maneirista em Portugal: das brandas “maneiras” ao reforço da propaganda”, *História da Arte Portuguesa*, vol. II “Do “Modo” Gótico ao Maneirismo, direcção de Paulo Pereira, Círculo de Leitores, Lisboa.
- 1995c - “A arte da pintura entre o gótico final e o barroco na região dos antigos coutos de Alcobaça”, *Arte Sacra nos Antigos coutos de Alcobaça*, Catálogo da exposição sobre o mesmo tema (1994), Lisboa.

SHEARMAN, John

- 1967 - *Mannerism*, Penguin Books, Middlesex, [trad. esp., *Manierismo*, com texto introdutório de Fernando Marias Xarait Ediciones, 1984.].

TEIXEIRA, Francisco Augusto Garcez

- 1919 - “Estudo sobre alguns dos quadros que pertenceram ao Convento de Cristo”, *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, vo. I, tomo 1º, pp. 13-24, Tomar, [reimpressão de 1959].
- 1924 - *A Família Camões em Tomar*, Lisboa.
- 1931 - *A Irmandade de S. Lucas, corporação de artistas. Estudo do seu arquivo*, Lisboa.
- 1941 - “Rol das obras e peças que mandou fazer el-rei D. Manuel na charola, sancristia e cerca”, *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, vol. I, tomo 1º, pp. 177-181.
- 1942a) - “As Imagens do Interior da Charola”, *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, vol. I - tomo 1º, pp. 220-225, Tomar [reimpressão de 1959].
- 1942b) - ““S. Sebastião” quadro de Gregório Lopes, *Anais da união dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, vol. I, tomo 1º, pp. 193-196.

TREVOR-ROPER, Hugh

- 1991 - *Princes and artists: patronage and ideology at four Habsburg courts 1517-1633* [edic. esp. de Antonio Fernández Lera, *Príncipes y Artistas - Mecenas e Ideologia en cuatro Cortes de los Habsburgo 1517-1633*, Celeste Ediciones, Madrid, 1992].

VASCONCELOS, António de

- 1908 - *Real Capella da Universidade: alguns aspectos e notas para a sua historia* [reedição e introdução de Manuel Augusto Rodrigues, Arquivo da Universidad de Coimbra - Livraria Minerva, 1990], Coimbra.

VELOSO, Carlos

1992 - "A Irmandade de S. Lucas no contexto artístico nacional", *Boletim Cultural* [da Câmara Municipal de Tomar], nº 16, pp. 163-168.

VENTURA, Leontina

1982 - *A Arte da Pintura de Francisco Nunes*, edic. fac-similada e comentada, Editorial Paisagem, Porto.

VITERBO, Francisco Marques de Sousa

1899-1922 - *Dicionário histórico e documental de Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, vols. I e III (3 vols.), Lisboa,

1903 - *Notícia de alguns pintores portugueses e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal*, 1ª série, Lisboa.

1906 - *Notícia de alguns pintores [...]*, 2ª série, Lisboa.

1911 - *Notícia de alguns pintores [...]*, 3ª série, Lisboa.

ZERI, Federico

1957 - *Pittura e Controriforma - L'arte senza tempo* di Scipione da Gaeta, Giulio Einaudi editore, 2ª edizione, Torino.